

A Linguística Aplicada e o Papel do Professor Reflexivo como Pesquisador em Sala de Aula

ROMAR SOUZA DIAS

Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB).

rogabam@yahoo.com.br

Resumo

Pretende-se neste trabalho discutir Linguística Aplicada como uma disciplina (in) disciplinar, transdisciplinar e mediadora, que trás para o centro das discussões questões relacionadas à prática docente reflexiva dos professores da rede pública de ensino. Pesquisadores em Educação e Linguística Aplicada refletem sobre estudos que questionam o tradicional; que quebram fronteiras linguísticas. Pennycook (2001) diz que uma das características da LA contemporânea é o envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma. O professor precisa pensar o seu método de ensino, deve ser um professor pesquisador e reflexivo para que sua prática seja de transformação e relevância social. Quando o docente apresenta uma competência profissional, teórica e prática, passa a refletir mais conscientemente sobre o seu próprio processo de ensino (ALMEIDA FILHO, 2007) e apresenta alternativas para o entendimento da sociedade, quebrando paradigmas hegemônicos e redescrevendo a vida social e novas formas de conhecê-la (MOITA LOPES, 1996).

Palavras-chave: Linguística aplicada. Professor reflexivo. Educação. Ensino. Aprendizagem.



p/urais
REVISTA DE LINGUÍSTICA APLICADA DA UNB

Salvador, v. 1, n. 3, set./dez. 2010; v. 2, n. 1, jan./abr. 2011; v. 2, n. 2, maio/ago. 2011; v. 2, n. 3, set./dez. 2011; v. 3, n. 1, jan./abr. 2012; v. 3, n. 1, maio/ago. 2012; v. 3, n. 3, set./dez. 2012; v. 4, n. 1, jan./abr. 2013; v. 4, n. 2, maio/ago. 2013; v. 4, n. 3, p. 188-195, set./dez. 2013 (Edição Especial)

Introdução

Estudos em linguística aplicada, doravante (LA), têm demonstrado que o professor, para ter um ensino eficaz que produza efeito na aprendizagem dos seus alunos, precisa ser primeiramente um ser crítico. Ser crítico no sentido de pensar o seu método de ensino. Este método deve estar embasado em uma teoria linguística que justifique o porquê de o professor ensinar da maneira como o faz (ALMEIDA FILHO, 1999). O docente tem que estar constantemente em um diálogo entre a sua prática de ensino e uma metodologia que tenha uma explicação científica de modo que o seu fazer seja algo de transformação social e não apenas uma aplicação de determinada teoria linguística. Para ser crítico, o educador necessita se atualizar constantemente na literatura especializada (RAJAGOPALAN, 2003) através de leituras diárias, participação em congressos, discussão com colegas, grupos de estudos, etc. Este artigo tem como objetivo mostrar como o professor de línguas, através de um conhecimento teórico aprofundado em linguística aplicada, modifica sua forma de ensino quando percebe que ensinar não é apenas transmissão de conhecimentos e conteúdos, mas promover a reflexão dos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Primeiramente traçaremos um breve percurso da linguística aplicada até os dias atuais, seu objeto de estudo, observando o seu amadurecimento que a faz ser uma área interdisciplinar, indisciplinar e transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006). Este artigo contempla o ponto de vista de pesquisadores como Cavalcanti, Moita Lopes, Rajagopalan, Pennycook, Almeida Filho etc. Em seguida, discutiremos como um conhecimento aprofundado na teoria básica da LA ajuda o profissional a ser reflexivo: um profissional perspicaz que usa o seu local de trabalho como um ambiente de pesquisa e de coleta de dados no sentido de promover a interação dos aprendentes com os elementos tanto da sua como de outras realidades e do mundo ao seu redor. Queremos ressaltar que este artigo aborda apenas um tópico relevante dentre os demais que esta área engloba e que esta reflexão sirva de apoio e base para estudantes e professores que estão iniciando seus estudos em linguística aplicada.

A linguística aplicada: do behaviorismo à abordagem comunicativa

A Linguística Aplicada (LA) no Brasil, antes da década de 1960, assim como no exterior, surgiu timidamente como aplicação de teorias oriundas da linguística geral (CAVALCANTI, 1986). O professor era mero aplicador de teorias sem ter que se preocupar com o seu ensino. Ao docente era dado um material didático. Este teria que segui-lo cegamente como se o guia didático fosse uma crença religiosa onde não se questiona a razão de ser da história dos eventos celestiais no domínio espiritual e a sua relação com os seres terrestres. O ensino de línguas, neste

contexto, não floresceu, pois a realidade dos alunos não era retratada. Os discentes não viam a língua estrangeira como parte da construção de sua identidade (ALMEIDA FILHO, 2007). O modelo vigorante na década de 1950 ainda era o método de gramática/tradução. Analisavam-se, nas aulas de línguas estrangeiras, fragmentos de textos com o intuito de ensinar uma determinada regra gramatical. Esse método era reforçado pelo modelo científico behaviorista ou comportamentalista de Skinner (1957), o qual acreditava que o discente aprendia pelo estímulo e reforço. Este método privilegiava os resultados positivos, pois o intuito era firmar bem no cérebro do aprendente determinados comportamentos linguísticos. O behaviorismo foi muito criticado, pois não apresentava uma explicação coerente quando se deparava com questões de aprendizagem de línguas do dia-a-dia de uma criança em determinados contextos de fala. Sabe-se que uma criança com apenas três anos já sabe muito bem, embora intuitivamente, mecanismos sobre o funcionamento da gramática de sua língua materna, formulando questões em contextos diversos de fala (CHOMSKY, 1959). Esse método do comportamento apresentava muitas lacunas ao explicar o processo de aprendizagem. Se os seres humanos aprendem através de estímulos e reforços apenas, seria necessário um tempo muito maior para uma pessoa se tornar comunicativamente competente. Em meados do século 20, com os avanços dos estudos linguísticos no exterior e com a teoria da Gramática Universal (GU) retomada nos estudos de Chomsky, onde entra em jogo na aquisição da língua a competência e o desempenho linguístico, o ensino de línguas teve suas bases fortemente abaladas. Anos mais tarde, vem publicada a obra póstuma de John Austin (1962), “How to do Things with Words”, onde o autor discute estudos muito importantes sobre como os participantes do discurso constroem a sua identidade através dos atos da fala, os jogos de imagens e os simulacros que esses sujeitos fazem de si mesmos e dos interlocutores para se imergirem na construção do conhecimento através da linguagem. John Searle (1979) dá continuidade às idéias Austinianas pela América do norte. Esses estudos teóricos influenciaram diretamente o método de aplicação de teorias linguísticas. Foi observado que a linguística apenas não contemplaria as questões envolvidas no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Então era urgente e necessária uma explicação oriunda de outros campos da ciência para se ter um melhor entendimento sobre os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem de uma língua estrangeira (CAVALCANTI, 1986). Dentro deste contexto de transformação dos estudos linguísticos, o professor se viu obrigado a rever a sua postura, deixando de ser um mero ser passivo para um ser questionador sobre o seu fazer. A disciplina que antes era percebida como aplicadora de teorias linguísticas passa também a questionar os fundamentos teóricos dos quais fazia uso apenas. Chega à conclusão que seria necessário buscar explicações para os processos cognitivos envolvidos na aquisição de línguas em outros domínios, além dos domínios da linguística geral. O método behaviorista e o gramatical deixam de ser protagonistas principais no cenário das escolas e de grandes centros de ensino de línguas e dão

lugar a uma abordagem mais atual que se preocupa com a comunicação efetiva dos participantes do discurso: a abordagem comunicativa (HYMES, 1966 apud ALMEIDA FILHO, 2007). Neste novo cenário, os discentes são peças fundamentais no jogo de linguagem. A LA passa a ter uma obrigação visceral com a pesquisa (MOITA LOPES, 2006). Essa disciplina, antes aplicadora de receituários linguísticos passa então a usar a sala de aula e os agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas como um corpus de coleta de dados para uma análise empírica mais consistente neste processo. O ensino gramatical que, por décadas, se manteve forte no bojo escolar, deixa de ter um papel primário: a gramática passa a ser estudada em decorrência de situações comunicativas usadas anteriormente. A LA, neste contexto de transformação linguística, ganha força e passa a se preocupar muito mais com a pesquisa em linguagem funcional. Estão em questão, no jogo de aquisição, muito mais do que aplicação desta ou daquela teoria da literatura especializada, mas questões relacionadas ao processo de aquisição por parte dos participantes da interação verbal (ALMEIDA FILHO, 2007).

A questão da transdisciplinaridade, indisciplinaridade e interdisciplinaridade na visão de alguns autores

A visão de interdisciplinaridade segundo Cavalcanti (1986) se deu devido ao fato de questões complexas sobre a linguagem em sala de aula. Signorini (1998) diz que o linguista aplicado teria que ter uma teorização sólida não só de LA, mas também de outras áreas afins para entender melhor o processo de aquisição de línguas em sala de aula. Na mesma linha de raciocínio, Cavalcanti (2006) ressalta que a questão da interdisciplinaridade foi desta forma traçada para evitar questões preestabelecidas e ajudar a LA a resolver problemas relacionados ao ensino/aprendizagem de línguas. Essa pesquisadora argumenta sobre a forma de construir conhecimento através de um viés interdisciplinar, desgarrado das limitações de qualquer tipo de laços fixos com a linguística. Moita Lopes (2006) diz que a necessidade de invenção deva ser compreendida como central em qualquer empreendimento de pesquisa científica. No mundo contemporâneo, não podemos mais depender de grandes argumentos e idéias transcendentais e infalíveis, precisamos justificá-los, discuti-los e considerá-los à luz de escolhas éticas para as práticas sociais que vivemos ao pensar alternativas para o futuro. A LA se torna uma disciplina indisciplinada, pois não aceita formas rígidas e inalteradas de conhecimento epistemológico e discute determinadas regras de se fazer ciência. Pennycook (2001) diz que a LA transgressiva envolve a necessidade de pensar diferentemente, de politizar e problematizar o próprio conhecimento que produz; ir além das fronteiras entre as disciplinas. A visão do discurso como constitutivo da vida social e de um sujeito heterogêneo e contraditório começa a surgir em LA,

assim como teorizações que incorporam nossa existência corpórea e aspectos identitários. O autor critica a posição de a LA ter demorado muito em perceber as viradas linguísticas por ter ficado muito tempo aliada à linguística geral que contempla visões autônomas e representacionistas da linguagem. Moita Lopes (2006) defende uma LA híbrida e transdisciplinar, pois diz que sempre a prática esteve antes da teoria. Uma LA entre teoria e prática, que redescreve o sujeito social compreendendo-o como heterogêneo fragmentado e fluido, historicizando-o (PENNYCOOK, 2001). A ética e poder são pilares cruciais uma vez que há limites éticos que nos orientem. Moita Lopes (2006) enfatiza uma LA como lugar de investimento em uma redescrição da vida social.

A LA e a formação do professor reflexivo em sala de aula

O redimensionamento em pesquisa em LA trouxe muitas inovações para a sala de aula e conseqüentemente para a formação do professor de línguas. Almeida Filho (1999) diz que o professor precisa pensar o seu método de ensino, deve ser um professor pesquisador e reflexivo para que sua prática seja de transformação e relevância social. Quando o docente apresenta uma competência profissional, teórica e prática, passa a refletir mais conscientemente sobre o seu próprio processo de ensino e apresenta alternativas para o entendimento da sociedade, quebrando paradigmas hegemônicos e redescrevendo a vida social e novas formas de conhecê-la. Almeida Filho (2003) ressalta que o professor, tendo conhecimento bem fundamentado destas três competências descritas acima apresentará as etapas de elaboração de curso, material didático, metodologia e avaliação de uma maneira mais organizada e consciente. O importante é o docente partir não somente da sua prática, mas de leituras constantes da literatura especializada e relacionar se o seu fazer (prática) coincide com as teorias estudadas para que nesse confronto (TUHIWAI SMITH, 1999) surja uma nova teoria que se arrole ao rol das teorias já vigentes. É através desta tomada de consciência de abordagem de ensino que o professor conseguirá fazer mudanças significativas em sua prática.

A sala de aula se torna um campo fértil onde novos frutos teóricos são cultivados pelos agentes participantes do processo de construção do conhecimento: o professor e o aluno. Ao docente cabe a tarefa de conhecer a sua importância na sociedade percebendo o seu trabalho como modificador social e fruto de uma competência teórica, indispensável ao amadurecimento do pesquisador. Conhecendo a LA como uma disciplina interdisciplinar, indisciplinar e transdisciplinar, o professor absorve conhecimentos teóricos básicos. Desta forma, ele pode identificar, conhecer e proceder em tomadas de decisões cabíveis ao tentar dar explicação a possíveis problemas relacionados com o processo de ensino e aprendizagem onde a linguagem é fator crucial na construção da identidade do indivíduo (MOITA LOPES, 1996).

2 CONCLUSÃO

Vivemos num mundo globalizado onde a comunicação, através da linguagem entre as nações, se tornou indispensável. A linguagem verbal, hoje em dia, é e continua sendo objeto de investigação científica. Não podemos mais pensar em língua como um corpo homogêneo, enclausurada numa torre de marfim imune às mudanças sociais e aos anseios linguísticos (RAJAGOPALAN, 2003). Tem que ser repensada, levando em conta as pessoas que a concretizam através da fala. A linguagem deve ser pensada como heterogênea carregada da visão cultural, social e de mundo de cada indivíduo (FIORIN, 2003). Por isso, a questão principal da linguística aplicada nos tempos modernos é explicar como os seres humanos se comunicam e quais processos psicológicos, culturais, sociais estão embutidos na interação verbal. Espera-se que as questões que foram discutidas ao longo deste trabalho tenham atenuado, em parte, as inquietações do profissional pesquisador, crítico e reflexivo que se preocupa com o seu ensino. Espera-se também que este artigo sirva de contribuição para a literatura básica em LA e que os pensamentos discutidos aqui sirvam como base para novas pesquisas no campo abrangente dessa nova disciplina que emerge com grande voracidade científica em nossas universidades brasileiras.

The Applied Linguistics and the Role of the Teacher as Reflective Researcher in the Classroom

Abstract

The aim of this paper is to discuss the interdisciplinary, transdisciplinary and mediating role of Applied Linguistics. It brings to the center of discussion questions related to reflective teaching practice of educators in public schools. Researchers in Education and Applied Linguistics reflect on studies that question the traditional, breaking linguistic borders. Pennycook (2001) says that a characteristic of the contemporary Applied Linguistics is engaging in a continuous reflexion on itself. The teachers need to rethink their method of teaching; they must be reflective researchers. Their practice should be of transformation and social relevance. When the educators present a professional, theoretical and practical competence, they reflect more consciously about their own learning process (ALMEIDA FILHO, 2007) and present alternatives to the understanding of the society, breaking hegemonic paradigms and redescribing the social life and new ways to understand it (MOITA LOPES, 1996).

Keywords: Applied linguistics. Reflective teacher. Education. Teaching. Learning.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Linguística aplicada, ensino de línguas & comunicação**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2007.

_____. **O professor de língua estrangeira em formação**. São Paulo: Pontes, 1999.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras em ação. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **How to do things with the words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1995.

CAVALCANTI, Marilda C. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 5-12, 1986.

_____. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

CHOMSKY, N. A review of B. F. Skinner's verbal behaviour. **Language**, v. 35, n. 1, p. 26-58, 1959.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003.

KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.). **Linguística aplicada**: suas faces e interfaces. São Paulo: Mercado de letras, 2007.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

_____. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SEARLE, John R. **Expression and meaning: studies in the theory of speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (Org.). **Lingüística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Trad. Rodolfo Ilari, rev. Ingedore G. V. Koch e Thaís Cristóforo Silva. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TUHIWAI SMITH, L. **Decolonizing methodologies: research and indigenous peoples**. London: Zed Books, 1999.